

Borges da Fonseca foi procurado por toda a parte; Francisco das Chagas de Oliveira França chegou a ser agredido. Pedro I foi acusado de participação nos distúrbios: estaria em casa do comerciante português Domingos Guimarães e teria mesmo feito dali disparos de pistola.

Tais manifestações liquidaram o pouco que restava de simpatia pelo imperador entre os brasileiros. Em reunião na residência do deputado José Custódio Dias surgiu logo a proposta de que se recorresse às armas. A direita liberal permanecia hesitante quanto ao uso da força, conquanto, nessa altura, tivesse unido os seus protestos à esquerda. A 17 de março, representação dirigida ao imperador e firmada por vinte e quatro parlamentares assumia forma de ultimatum: "As circunstâncias são as mais urgentes e a menor demora pode em tais casos ser funestíssima. A confiança que convinha ter no governo está quase de todo perdida, e se porventura ficarem impunes os atentados (. . .) importará isto uma declaração ao povo brasileiro de que lhe cumpre vingar ele mesmo por todos os meios sua honra e brio tão indignamente maculados. (. . .) A ordem pública, o repouso do Estado, o trono mesmo, tudo está ameaçado se a representação (. . .) não for atendida e os seus votos completamente satisfeitos". Assinavam Vergueiro, Evaristo, Odorico Mendes, José Custódio Dias, José Martiniano de Alencar, Henrique de Rezende, Honório Hermeto, Limpo de Abreu e mais dezesseis deputados.

D. Pedro reformou o ministério, o que, no dizer do *Repúblico*, "em nada veio melhorar a crise". Januário da Cunha Barbosa, no *Diário Fluminense*, conclamava "os brasileiros dignos desde nome" a se unirem em torno do imperador, mas a imprensa da direita conservadora já não influía nos acontecimentos. A imprensa liberal de direita usava, agora, a mesma linguagem que a da esquerda: a *Aurora Fluminense* de 21 de março mencionava que "o sangue derramado pede sangue", acrescentando: "os brasileiros querem a desafronta de todos os insultos: a sua paciência está exausta". Nos primeiros dias de abril, a agitação invadiu os quartéis. O *Repúblico* pregava "o dever sagrado da resistência à tirania"⁽⁸¹⁾. As ruas viviam sob o signo da inquietação, sempre cheias de grupos exaltados. No dia 6, numerosos desses grupos juntaram-se, desde o amanhecer, no Campo de Santana, ao circularem boatos de represálias do imperador aos que o combatiam; à tarde eram já alguns milhares os que ali estavam reunidos; às 11 horas da noite vieram juntar-se os corpos de tropa. Na madrugada de 7, D. Pedro abdicou.

(81) *O Repúblico* de 2 de abril de 1831.